

Como cobrir: Violência contra a mulher

[CLÍPE DE MANCHETES]

- Os casos de violência doméstica contra a mulher têm aumentado em vários países e no Brasil.
- O projeto que inclui no Código Penal o crime de violência psicológica contra a mulher.
- Mulheres que sofreram abuso ou violência têm conseguido relatar o ocorrido, encorajadas por outras mulheres.

[MÚSICA]

[GÉSSIKA]

Oi, Géssika Costa por aqui.

[RODRIGO]

Oi, eu sou o Rodrigo Alves.

[GÉSSIKA]

Esse é um guia prático e rápido do Festival 3i pra te ajudar na cobertura jornalística de temas relacionados à violência contra a mulher. Aqui você vai ouvir dicas de alguns manuais bem importantes sobre o que fazer e, claro, o que evitar na hora de produzir conteúdo sobre esse tema.

[RODRIGO]

E se você quiser se aprofundar no assunto, a gente também vai te indicar esses guias e manuais. Combinado?

[GÉSSIKA]

Vai anotando aí.

[RODRIGO]

Pra começar, Géssika, uma pergunta: por que é tão importante que o jornalismo olhe pra esse tema com atenção?

[GÉSSIKA]

Por que o Brasil ocupa o quinto lugar no ranking mundial de feminicídio, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. Muitas mulheres não se sentem seguras pra denunciar agressões, justamente porque é comum sofrer outros tipos de violência e serem desacreditada nas delegacias e em lugares onde aquela denúncia deveria ter algum resultado. Então é importante que o jornalismo não seja mais um lugar pra reproduzir essas violências.

[RODRIGO]

Tem umas regras básicas na produção de conteúdo jornalístico sobre violência contra a mulher: não subestimar ou desqualificar a vítima; contextualizar a desigualdade de gênero como um fator relevante pra entender aquela história; cobrar das autoridades; indicar caminhos pra prevenção desse tipo de crime

[TRECHO REPORTAGEM]

- O Ligue 180, que recebe denúncias de mulheres vítimas de agressão, registrou aumento...

[RODRIGO]

Então, Géssika, vamos passar pelas etapas de produção. Começando pela escolha da pauta.

[GÉSSIKA]

Pois é, Rodrigo, a primeira coisa é não ficar só no boletim de ocorrência ou no relato oficial das autoridades. Quanto mais fontes, melhor. Outra coisa importante é nunca esquecer o recorte de raça: pra cada mulher branca vítima de feminicídio, três mulheres negras são mortas. Então na hora de escolher quais histórias você vai contar, leva em conta também a questão racial.

[MÚSICA]

[RODRIGO]

Você já tem a pauta, chegou a hora da entrevista: como entrevistar uma mulher vítima de violência?

[GÉSSIKA]

A primeira coisa é a empatia, é entender que aquela mulher já está vulnerável, ela não pode ser pressionada ou cobrada de forma nenhuma. Então a dica é

principalmente ouvir a história dela. E não fica tentando arrancar uma declaração forte, emocionante, que vai te render uma manchete de impacto. Se a pessoa não quiser expor o nome ou o rosto, o jornalismo precisa respeitar.

[RODRIGO]

Às vezes a própria pessoa inicialmente tá disposta a se identificar, mas também é papel do jornalista avaliar se aquela exposição pode representar algum risco pra vítima. Proteger a fonte é um dever do jornalista.

[TRECHO REPORTAGEM]

- (Mulher com filtro para disfarçar a voz) É, todas as vezes que a gente discutia, e que a gente brigava, era assim que ele me tratava, eu não prestava.

[GÉSSIKA]

Falando em fontes, é sempre importante ouvir o máximo de fontes. O advogado ou advogada da vítima, o Ministério Público, a polícia. Mas também pesquisadores, especialistas, centros de referência no tema da violência contra a mulher. Mesmo que seja só uma consulta em off, pode ser importante pra guiar a apuração, por exemplo.

[MÚSICA]

[RODRIGO]

E como contar essa história? Seja num texto escrito, numa matéria de TV, num áudio, em rede social, a gente precisa prestar atenção em alguns pontos.

[GÉSSIKA]

Humanizar sempre. Aquela vítima não é só uma estatística, é uma pessoa, que tem toda uma história antes de sofrer aquela violência. É importante também contextualizar, mostrar que o machismo é estrutural na sociedade.

[RODRIGO]

Aliás, outra coisa importante, que a essa altura você já deve saber:

[GÉSSIKA]

Não existe “crime passionai”. Amor nunca pode ser motivo pra um crime, claro. Ciúme não é justificativa pra agressão. Então use os termos corretos: feminicídio,

que é o assassinato de uma mulher pelo fato de ela ser mulher. Ou agressão, assédio sexual, violência sexual.

[TRECHO REPORTAGEM]

- A Justiça italiana condenou em última instância o atacante Robinho e o amigo dele Ricardo Falco a 9 anos de prisão por uso de violência sexual.

[GÉSSIKA]

Estupro, por exemplo. É qualquer prática de conjunção carnal ou ato libidinoso que acontece de maneira forçada, sob violência, sob ameaça ou sem o consentimento expresso da vítima.

[RODRIGO]

O Manual Universa para Jornalistas, do UOL, define muito bem o que é cada um desses crimes, pra você não confundir. O link tá na descrição do episódio. E outros links de veículos e instituições importantes, como a Agência Patrícia Galvão, que a gente usou bastante na nossa pesquisa pra esse guia, o Instituto Maria da Penha, a Think Olga, a Revista AzMina, tem muito conteúdo de qualidade pra você pesquisar.

[GÉSSIKA]

E vale olhar também pra dentro da sua estrutura jornalística. A sua redação é um ambiente seguro pras mulheres? Tem mecanismos de denúncia? Dá pra reunir pessoas e levantar esse debate interno no seu ambiente de trabalho? Pensa nisso.

[MÚSICA]

[RODRIGO]

Eu sou o Rodrigo Alves, do podcast Vida de Jornalista. Eu escrevi os roteiros e fiz a edição dos episódios. A gente ouviu aqui áudios de TV Cultura, CNN, Jornal O Globo, TV Tribuna e o documentário “Todas podem ser vítimas”, dirigido por Daniele Gruppi na UnBTV.

[GÉSSIKA]

Eu sou a Géssika Costa, do Olhos Jornalismo, mídia independente. E fiz a pesquisa e a produção dos episódios, ao lado de Jean Albuquerque, que também integra a iniciativa.

[RODRIGO]

Até a próxima!

[GÉSSIKA]

Até mais, e lembre-se: a culpa nunca é da vítima!

- Cartilha UOL Universa

https://download.uol.com.br/files/2020/11/4273738876_cartilha-universa-violencia-contr-mulher.pdf

- Instituto Maria da Penha

<https://www.institutomariadapenha.org.br/>

- Think Olga

https://issuu.com/thinkolga/docs/minimanual_1_ef8621a394e2c

- Agência Patrícia Galvão

<https://agenciapatriciagalvao.org.br/>

- Revista AzMina

<https://azmina.com.br/>

- Gênero e Número

<https://www.generonumero.media/>

- Catarinas

<https://catarinas.info/>

- Agência Pública: Caso K

<https://apublica.org/especial/caso-k-as-acusacoes-nao-reveladas-de-crimes-sexuais-de-sa-muel-klein-fundador-da-casas-bahia/>

- Nós Mulheres da Periferia

<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/>

- Abraji: Violência de gênero contra jornalistas

<https://violenciagenerojornalismo.org.br/>